

THX 1138: entre homens, máquinas e drogas

Euler David de Siqueira

Cientista social pelo IFCH/UERJ, mestre e doutor em sociologia pelo IFCS/UFRJ. Professor adjunto do ICHL da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Resumo: Primeiro filme de ficção científica de George Lucas, tendo Francis Ford Coppola como produtor executivo, *THX 1138* não somente permite estabelecer pontes com filmes de ficção científica mais recentes, como também tratar de aspectos da memória e da tradição como cultura.

Palavras-chave: realidade, ficção, memória, tradição, cultura.

Abstract: *George Lucas's first science fiction movie, THX 1138, produced by Francis Ford Coppola, not only allows to establish links with most recent Sci-Fi movies but also to discuss aspects related to memory and tradition as cultural forms.*

Keywords: *reality, fiction, memory, tradition, culture.*

INTRODUÇÃO

Nos anos 80 e 90, filmes como *Blade Runner*, *O exterminador do futuro*, *13º andar* e *Matrix* ocuparam boa parte da atenção de pesquisadores das mais diferentes áreas das ciências sociais ao mesmo tempo em que chamaram a atenção do público mundial a respeito das relações entre homens, mente, vida, máquinas e tecnologia¹.

Antes disso, no entanto, ainda nos anos 70, um filme de ficção científica se tornou paradigmático ao tentar antecipar o futuro de sociedades baseadas na ciência e tecnologia. Temas como o controle do corpo, da mente, das emoções e da subjetividade, assim como o desenvolvimento das tecnologias da informação e do superdimensionamento do poder Estatal, desfilaram diante dos espectadores de THX 1138.

Primeiro filme de ficção científica de George Lucas, foi escrito por Lucas e Walter Murch e teve Francis Ford Coppola como produtor executivo. O elenco incluiu Robert Duval (THX 1138), Maggie Mcomie (LUH 3417), Donald Pleasence (SEN 5241) e Don Pedro Colley (SRT). Em uma época como a contemporânea, em que os significados se tornam super-efêmeros, escrever sobre THX 1138 não somente permite estabelecer pontes com filmes de ficção científica mais recentes, como também tratar de aspectos da memória e da tradição como cultura.

04

HOMENS, MÁQUINAS E DROGAS

Em um futuro não muito distante, a liberdade e a individualidade não teriam lugar em uma cidade subterrânea superpovoada e ensurdecidora. Na cidade panóptico – parafraseando *Vigiar e punir*, de Michel Foucault - *THX 1138* narra a estória de um trabalhador controlador magnum que realiza funções mecânicas e repetitivas de grande periculosidade. Em seu trabalho, a respiração, os batimentos cardíacos, as ondas cerebrais e algumas substâncias químicas, como a adrenalina, são monitorados a procura de alterações que informem alguma instabilidade ou desprogramação.

A rotina de THX 1138 é alterada quando sua companheira de quarto, LUH 3417, substitui suas drogas terapêuticas de uso diário. A partir de então, seu condicionamento se altera, seus gestos deixam, pouco a pouco, de ser mecânicos e repetitivos enquanto sua concentração diminui. Com a supressão das drogas, THX 1138 e LUH 3417 passam a manter um relacionamento amoroso e sexual, transgredindo, assim, as leis da cidade. Ambos têm consciência de que estão burlando leis e que a punição é severa. Os problemas de THX e LUH aumentam quando um outro cidadão não ajustado, SEN 5241, ao eliminar seu companheiro de quarto, consegue afastar LUH e THX visando a ter esse último como seu novo companheiro.

Com a perda da concentração, os supervisores de THX percebem que seus batimentos cardíacos e suas taxas de adrenalina estão fora dos padrões.

Os supervisores bloqueiam suas atividades cerebrais a partir de uma sala de comando quando o personagem principal quase provoca um grave acidente. THX é preso e conduzido por policiais autômatos a uma sala enquanto aguarda seu julgamento. A acusação é clara: deixar de tomar suas drogas, perversões sexuais e transgressões.

Em um último encontro com LUH, THX descobre que a parceira está grávida. Eles se amam mais uma vez e são definitivamente separados. Depois disso, THX é julgado, classificado como portador de desequilíbrio químico incurável e impróprio à vida social; recebe o veredicto de um computador que o condena ao condicionamento e à internação.

Determinado a fugir com LUH para fora da “concha”, THX empreende um plano para escapar da cidade. Ao sair da prisão com a ajuda de SRT – um holograma² -, descobre que LUH foi destruída e que suas iniciais agora pertencem ao seu feto, que se encontra em uma espécie de útero artificial.

Em uma fantástica cena de perseguição, THX e SRT fogem das autoridades depois de roubar dois veículos automotores. SRT é capturado ao não conseguir pilotar o automóvel. THX prossegue em sua fuga rumo ao exterior da cidade, sendo perseguido por dois policiais autômatos. A poucos metros de deixar a cidade, a captura de THX é suspensa quando seu orçamento é ultrapassado em mais de 6%. Na subida rumo ao exterior da cidade, um dos autômatos ainda tenta dissuadir THX de sua fuga dizendo que não há vida na superfície e que ele deve ficar calmo e retornar, afinal, nada de mal lhe acontecerá. THX continua sua escalada rumo ao topo e, na cena final, chega à superfície, onde um dia ensolarado o deixa perplexo e imóvel. O filme se encerra com THX espantado, na superfície, com alguns pássaros voando e um sol radiante se pondo.

SOCIEDADE X INDIVÍDUO

Em *THX 1138*, a ordem social é imposta por uma série de mecanismos de controle baseados na ciência e na tecnologia. Agentes policiais autômatos, bem mais altos do que os seres humanos, sistemas de monitoramento por imagens e sons, caixas de coleta de denúncias e drogas reguladoras dos sentimentos e das emoções jogam um papel central na integração dos indivíduos ao sistema. No futuro vislumbrado no filme, ciência e tecnologia são utilizadas como poderosos instrumentos de dominação, conformismo e alienação.

A vida social cotidiana em *THX 1138* é regulada em seus mínimos detalhes. Reações automáticas e mecânicas, pré-programadas, constituem a base das relações sociais. A todo momento, homens e mulheres têm seus comportamentos, tanto no trabalho, quanto em seus quartos, monitorados por sofisticados sistemas de informação prontos a reintegrar os indivíduos em caso de transgressão da ordem estabelecida. O filme faz lembrar *1984*, de George Orwell. Temas como a Tele-Tela e o Big Brother aparecem em cena. O filme

não deixa dúvidas de que a tecnologia da informação pode ser usada no controle do plano público e do privado, assim como a ciência, na produção de respostas mecânicas e automáticas de indivíduos dopados e alienados.

Potencial perturbador da razão humana, o corpo, assim como suas emoções e paixões, torna-se alvo da intervenção médico-científica. O comportamento socialmente esperado é mantido à base de um conjunto de procedimentos médicos que lançam mão de poderosas drogas terapêuticas. Aqueles que não se alinham terapeuticamente sofrem as sanções do Estado e das massas, como são classificados os habitantes da cidade subterrânea.

Em *THX*, o sexo foi abolido, algo também já visto em outras películas como *1984*, *Frankenstein*, e no recente *Matrix*. Sua prática é punida e reprimida com a ajuda de aparatos tecnológicos informacionais, além de drogas inibidoras da libido e do desejo sexual. Se isso já não fosse o bastante, ataques de consciência culpada do próprio transgressor – o que nos faz pensar em uma leitura mais do que durkheimiana de uma consciência coletiva – podem levar o sujeito a buscar apoio e conforto em uma espécie de confessionário computadorizado.

AS MASSAS: CONSUMO, RELIGIÃO E TRABALHO COMO FORMAS DE ALIENAÇÃO

06

No filme, a dimensão moral estatal, a religião, o mercado e a consciência dos sujeitos parecem ter se fundido em uma unidade. Consumo e trabalho, assim como as pessoas, são massificados. As pessoas são classificadas por letras e números como as placas de nossos automóveis. A indumentária dos habitantes, totalmente branca, além de idêntica para todos, sugere a ausência de traços e características de individualidade. *THX 1138* esboça uma sociedade cujos homens e mulheres, vivendo em um ambiente hermeticamente fechado, se encontram ausentes de contato com todo o tipo de diferença. Não há nós e eles, apenas nós. Não só a diferença é anulada e rejeitada de forma violenta, como é mantida à distância através do isolamento subterrâneo da cidade. Na cidade, não há negros nem orientais, somente pessoas brancas. Os negros apenas aparecem nos televisores, sob a forma de hologramas como SRT.

Apesar de todos os aparatos tecnológicos de sedação e controle dos indivíduos, *THX* mostra que o mais simples dos homens pode se revoltar contra o sistema e recobrar sua consciência. O desfecho, com a fuga do personagem principal, assinala que sempre será possível acreditar na liberdade e, assim, na humanidade presente em cada um de nós, a despeito do que nos reserva o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consideração destes pontos básicos em relação ao jornalismo de guerra em geral e ao último conflito do Iraque, em particular, nos fazem retornar ao ponto normativo da reflexão. O papel da imprensa, se quisermos, pode ser o de participar da discussão da sociedade sobre os atos de seu governo, sempre tendo em vista o poder que esta mantém de ratificar ou não suas decisões,

manifestando-se eleitoralmente. Dado este poder da opinião pública nos governos representativos, torna-se imperativa a existência de uma pluralidade de enquadramentos, que confirmem os princípios do governo representativo, cuja legitimidade repousa, justamente, sobre a deliberação. Ou seja, numa democracia, as decisões são tomadas após o livre embate de idéias que podem ser divergentes, com a presença de uma imprensa livre para a circulação e divulgação de tal diversidade.

Uma pluralidade deste tipo pode ser obtida seja externamente, quando vários veículos com diferentes perspectivas circulam numa mesma sociedade, permitindo aos cidadãos escolherem aquele com que mais se identificam, seja internamente, quando os órgãos emissores da comunicação de massa tomam para si a tarefa de “ouvir todos os lados envolvidos”, apresentando nos mesmos veículos uma efetiva pluralidade de enquadramentos. Reconhecemos neste último o principal modelo da imprensa livre americana, bem como da brasileira, que vem desde os anos 60 adotando um modelo mais comercial e menos partidário, calcado nos princípios de objetividade e neutralidade do jornalismo norte-americano. Advogar uma imprensa com pluralismo interno, no entanto, coloca aos jornalistas o dilema da cobertura de uma guerra: ouvir, além do “nosso lado”, também o “outro lado”. Em relação à guerra do Iraque, visto que o Brasil não era uma das nações envolvidas no conflito, e a própria invasão não contou com o apoio oficial do Estado brasileiro, tal objetivo mostrou-se possível. Mais valor ainda têm, no entanto, os veículos da mídia americana que conseguiram expressar em seu noticiário a multiplicidade de enfoques e perspectivas sempre presentes em qualquer conflito.

Notas

1. Na verdade, desde o começo do século XX, filmes como *Metrópolis* e *Frankenstein* já colocavam na pauta de discussão essas mesmas relações.

2. SRT se diz um holograma virtual mas que quer ser real. Em uma sala repleta de tubos com embriões em desenvolvimento, THX dialoga com o holograma. Segundo o holograma, os homens não perceberam as alterações no meio ambiente por se darem de forma lenta e gradual. O holograma era do escritório das visões e das realidades geradas eletricamente e afirma ter ficado muito tempo preso em um mesmo circuito.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

THX 1138. Direção: George Lucas. Produção: Lawrence Sturhahn e Francis Ford Coppola. Intérpretes: Robert Duval; Donald Pleasence; Maggie McOmie; Don Pedro Colley; Ian Wolfe. Roteiro: George Lucas e Walter Murch, baseado na estória de George Lucas. Estados Unidos, American Zoetrope, 1971. 95 min, sonorizado, colorido.